

USANDO A FOTOGRAFIA DE FORMA INDIRETA: ANTECEDENTES DA FOTOGRAFIA DE IMPRENSA EM MANAUS

Simara Alves Ferreiraⁱ

Resumo: O texto visa mostrar os primeiros ensaios do uso de imagens nos jornais de Manaus, bem como o espaço que a fotografia passou a ocupar no fim do século XIX e início do XX. Como parte de pesquisa em andamento cujo objetivo maior é discutir o impacto que o uso de imagens provocou nos jornais de Manaus, os suportes pesquisados não poderiam ser outros para além das páginas de jornal, com notícias que fazem uso de imagens bem como os anúncios sobre serviços fotográficos, visando compreender como se deu o processo de incorporação de fotografias no periodismo local. Dessa forma, o texto mostra os passos iniciais dados na busca para entender o início da experiência fotográfica nos jornais diários e em consequência, desnudar os espaços ocupados e seu uso na construção da notícia.

Palavras-chave: Ilustração. Fotografia em Manaus. Imprensa.

Abstract: The following text attempts to show the first steps of the use of images in newspapers in Manaus, it also aims to show the important space that photography has come to occupy in the late nineteenth century and early twentieth. As part of the present research, which the purpose is to discuss the impact caused by the insertion of images in the newspapers of Manaus. The supports searched could not be others than the pages of newspaper, with news that uses images and the advertisements about photographic services aiming to understand how the process of incorporating photographs in the local press was. This way, the following text shows the first steps taken as a way to understand the photographic experience in the daily newspaper and, as consequence, reveal the occupied spaces and their use in the construction of news.

Keywords: Illustration; Photography in Manaus; press.

INTRODUÇÃO

O ano de 1851 é o marco inicial para o surgimento da imprensa na Província do Amazonas, com o lançamento do seu primeiro jornal, o Cinco de Setembro.ⁱⁱ Nesse período, a imprensa estava estritamente ligada à publicação de atos governamentais e seu aparelhamento gráfico ainda era bastante modesto e precário, o que comprometia o uso mais frequente de imagens, um recurso que exigia equipamentos dispendiosos para o momento pelo qual a imprensa recém-inaugurada passava.

Avançado os anos, as tipografias evoluíram tanto no conteúdo dos jornais, que não só publicavam regulamentos e atos do governo, mas também começam a publicar pequenas notas que noticiavam os acontecimentos do cotidiano da cidade e sua gente, passando por uma reestruturação em suas oficinas.

Apesar dessa reestruturação modesta, as folhas que circulavam tinham características bastante similares. Geralmente compostas por quatro páginas, com colunas que variavam entre quatro e seis que separavam os assuntos e também tinham a função de manter o alinhamento textual. Os títulos recebiam destaque através do uso do negrito, ou seja, eram usados traços mais grossos, para diferenciá-los visualmente do restante do conteúdo. Quanto ao uso de ilustrações, é visível a ausência delas. Sendo que quando havia, eram restritas as páginas três e quatro, páginas estas dedicadas aos anúncios, servindo assim para chamar à atenção aos reclames, que em geral, eram compostos de oferecimento de serviços e produtos. Essas ilustrações eram marcadas pela precariedade e tinham função decorativa, não se vê o uso de fotografias, mas de desenhos elaborados a partir de gravuras ou xilogravuras.ⁱⁱⁱ

Ano após ano, de forma tímida começavam a aparecer nas páginas, imagens de rostos de personalidades do país e da alta sociedade local. E nos anúncios, o oferecimento de serviços fotográficos, materiais para uso em laboratório, e notícias sobre a inauguração de um novo ateliê de fotografia ou da passagem de um fotógrafo pela cidade. As gravuras sofrem alterações e tornam-se mais sofisticadas.

A fim de ilustrar essa nova percepção do fazer jornalístico que se volta para o aprimoramento dos processos gráficos, há a criação da Imprensa Oficial do Estado, em que na lei de instituição, foi registrada a obrigatoriedade de instalação de oficinas que ficariam incumbidas de tornar possível nas publicações oficiais do Governo, o uso de imagens, sejam elas de natureza fotográfica ou não.

O então governador Eduardo Ribeiro sanciona a lei nº 1, de 31 de agosto de 1892 que instituía a Imprensa Oficial do Estado, cujo objetivo, conforme assinala Mário Ypiranga Monteiro^{iv}, era por fim as despesas dos contratos estabelecidos com jornais locais para a publicação de atos governamentais e demais expedientes. Os jornais que circulavam nos primeiros anos, dedicavam extensos espaços para a publicação de atas, sessões das câmaras legislativas, entre outras publicações oficiais, que ocupavam, em média, as duas primeiras páginas das folhas.

Não é intenção detalhar o ato de criação deste órgão, mas sinalizar o fato de que houve a preocupação em dotá-lo de mecanismos capazes de introduzir imagens nas publicações, conforme é expresso no artigo 3º da lei que o instituiu: “Anexos ao estabelecimento tipográfico serão criadas duas pequenas oficinas, uma de litografia e gravura (xilografia) e outra de encadernação”.^v

O esforço na montagem do veículo de comunicação governamental não se encerra nesse quesito, além de ser uma fonte de economia para o governo, a Imprensa Oficial deveria atuar como o “maior órgão de divulgação” do Estado. Para isso, conforme anota Mário Ypiranga:

(...) Para isso o governador dotou-a do equipamento gráfico mais sofisticado que as fábricas europeias, alemãs, francesas e italianas produziam, e também as americanas, enriquecendo o esforço de comunicação. Linotipos, impressoras, máquinas de fabricar envelopes, daguerreotipia, equipamentos completos de encadernação, sortimento variado de fontes e matrizes de cobre, estanho e bronze, para resistir anos, realizar o que na época nenhuma cada impressora de Manaus faria, em concorrência.^{vi}

Destaco em meio a tanta sofisticação, a aquisição da daguerreotipia. Essa técnica que fora inventada em 1839 por Louis Daguerre pode ser bem definida através das palavras de Jules Janin, ditas nesse mesmo ano, a qual é citada por Arlindo Machado em uma das obras pioneiras no Brasil sobre fotografia: “imagine um espelho que pode reter a imagem de todos os objetos que ele reflete e você terá a ideia mais completa do que é o daguerreótipo”^{vii}.

Assim sendo, é possível perceber que o governo estava atento aos avanços técnicos e que almejava utilizá-los em prol da divulgação do Estado. Diante disso, a questão que se coloca é quais usos foram feitos desse equipamento, se haviam pessoas que dominavam a técnica e que imagens foram produzidas. Essas questões apesar de interessantes, não são objetivos da discussão em curso. No mais, com base no acima exposto, fica a certeza do interesse na produção e veiculação de imagens, confirmando assim a necessidade de entender que fascínio essas imagens provocavam e para quem elas eram direcionadas.

Já havia imprensa antes da fotografia. Os jornais já circulavam antes das primeiras imagens serem reveladas. Em Manaus, a fotografia ocupou lugar de destaque, num primeiro momento, principalmente nos anúncios. Eram oferecidos tanto serviços fotográficos, quanto produtos auxiliares para a confecção de fotografias, bem como álbuns, vistas e os cartões de visitas e também os postais.

Para exemplo, pode-se tomar a série de anúncios publicados no jornal *Quo Vadis?*^{viii} que nos seus primeiros trinta dias de circulação, veicula a propaganda da *Photographia Allemã*, que oferecia seus serviços a “preços resumidos”, cuja a especialidade oferecida aos clientes eram os “retratos a crayon”^{ix}.



Figura 1 Anúncio do *Quo Vadis?*, nº 02, Manaus 20/11/1902

O debate sempre rodeou o artefato fotográfico. No que tange a história da fotografia em Manaus as controvérsias são várias, principalmente nas questões ligadas ao pioneirismo do estabelecimento de estúdios e/ou ateliês de fotografia na cidade.

Nesse sentido, uma das defesas mais contundentes sobre a quem pertence a originalidade na atividade de “tirar” retratos cabe a Manoel Bastos Lira em seu relato “Subsídios pró-história: ‘A fotografia em Manaus’”^x. Neste artigo o autor auxiliado por sua memória expõe o que para ele é “a exposição de sua própria vida”^{xi}. Para ele, a fotografia começa em Manaus quando o espanhol Francisco Cândido Lira, seu avó, se estabelece na cidade e começa a oferecer seus serviços fotográficos, que conforme registra o *Almanack do Amazonas* para o ano de 1896, trata-se do mais antigo fotógrafo existente na cidade. Já para a Cláudia Azevedo^{xii} baseada na leitura dos anúncios de vários periódicos do período de 1850 a 1910, o primeiro

estabelecimento fotográfico da cidade data do ano de 1858 e o primeiro fotógrafo a se estabelecer na cidade foi Hipólito Mainette, que nesse ano já anunciava seus serviços no jornal *Estrella do Amazonas*.

O breve relato acima exposto apesar de trazer a tona essas divergências, é necessário para que se possa entender o quanto a história da fotografia ainda se encontra em construção, principalmente quando se quer compreender os usos e funções que se seu na cidade de Manaus, caminhando a passos lentos e sob pouco rigor historiográfico. Também é sinalizador de que houve um comércio pulsante ligado a fotografia na cidade, principalmente no período de maior fluxo econômico.

O artigo de Manoel Bastos Lira, apesar de ser uma defesa apaixonada da história da família do autor, dá alguns indícios sobre o embrião da fotografia de imprensa na cidade, principal objeto da discussão aqui proposta. Conforme Lira, Manuel Rodriguez Lira, seu pai, tomou como herança o negócio deixado por seu tio-avô. Expandindo as atividades, levou seu estúdio a outras localidades do Amazonas e também se associou a outros fotógrafos para assim realizar atividades em outros Estados. Chegou, inclusive, a montar ateliê na cidade de Belém do Pará.

Após essa expansão e já bastante experiente no ramo, Manuel Rodriguez Lira resolveu investir na estamperia de imagens nos jornais e revistas. O relato não identifica as motivações dessa nova investida. O que se sabe é que Rodriguez Lira contratou Gil Ruiz, um profissional especialista em gravar clichês, um dos meios mais utilizados no uso de imagens fotográficas nos jornais quando ainda não era possível utilizá-la diretamente.

Mas, para sua surpresa, no mesmo período a Revista *Cá e Lá* realiza sua primeira gravação através desse método, sendo a principal fornecedora desse tipo de serviço entre seus pares. Assim veio a derrocada do empreendimento de Rodriguez Lira, que dispensou o *clicherista*^{xiii} contratado, mandando-o estabelecer na região do Peru uma filial da Fotografia Lira. Lamentavelmente, o artigo não informa as datas em que esses acontecimentos se deram, tornando difícil o cruzamento de dados que possibilitariam o esclarecimento dos pontos obscuros. O que se sabe é que a Revista *Cá e Lá* veio a público em 1910, logo, esses acontecimentos se deram por volta desse ano.

O fascínio pelas possibilidades da fotografia era tamanho, que Manuel Rodriguez Lira adquiriu um sofisticado equipamento, mais leve e de fácil locomoção, já visando fotografar os fatos que se davam nas ruas. Sua intenção era capturar

imagens do cotidiano para colaborar na elaboração de reportagens para os jornais. Infelizmente, mais uma vez, o ano em que isso se dá não foi identificado. O que fica é a percepção de que esse fascínio não é gratuito.

As famílias querem perpetuar suas tradições, eternizando no registro seus entes bem vestidos, numa sala muito bem decorada. Os governos também querem deixar para a posteridade seus grandes feitos, “querem documentadas as suas realizações”.^{xiv} E obviamente, os jornais querem fazer usos dessas possibilidades, explorando os fatos, mostrando a cena do ocorrido, dando rosto aos sujeitos de quem se fala no calor da hora. E quanto aos fotógrafos, estes esperam ser reconhecidos por sua perícia e sensibilidade na hora de fazer os registros.

NOTAS DE JORNAL: BUSCANDO VESTÍGIOS

A busca pelos primeiros ensaios do uso de imagens nos jornais de Manaus se centra no momento de grandes mudanças que é a virada do século XIX para o XX^{xv}. Esse é um período cheio de expectativas, afinal, um novo século despontava e com ele várias possibilidades, novas ferramentas e processos, pequenas revoluções. Marialva Barbosa é enfática quando lista algumas invenções que causaram alvoroço quando do seu surgimento e emprego:

O cinematógrafo, o fonógrafo, o gramofone, os daguerreótipos, a linotipo, as marinonis são algumas das tecnologias que invadem a cena urbana e o imaginário social na virada do século XIX para o XX, introduzindo amplas transformações no cenário urbano e nos periódicos que circulam na cidade.^{xvi}

Diante da iminência da chegada de um novo século, almejava-se também a renovação das práticas e costumes. A cidade começava a sentir os primeiros ventos dos prazeres que o comércio da borracha podia proporcionar, se queria moderna e seus periódicos dão claras pistas desse desejo, pois anunciavam em suas páginas a última moda que circulava em Paris: “Nova Loja Franceza Debusigne & Levy”.

Em letras garrafais informavam de forma vibrante a abertura do novo empreendimento: “Novidade! Novidade!”. No anúncio, descreviam a chegada de variados artigos, despachados diretamente de Paris. Aliás, a cidade francesa constituía o *supremo ideal* de cidade, dos modos de vestir e se portar.

Dentre os vários artigos oferecidos, destacam-se:

Um lindíssimo sortimento de camisas, chapéus para homens, senhoras e meninos. Grinaldas, luvas de pelica, véos, botinas de setim. Grande e variado sortimento de roupas feitas, bengalas, e chicotes com fotografias.^{xvii}

Por fim, o anunciante avisa que os visitantes do seu estabelecimento “encontrarão de tudo da melhor qualidade e por preços módicos”.

O anúncio indica que os preços são acessíveis, mas certamente não a ponto de a maioria da população ter poder de compra e assim usufruir da “última moda em Paris”. Artigos de luxo, que somente a elite tinha como comprar. O máximo que as camadas populares poderiam fazer era porem-se diante da vitrine da loja, admirando os artigos expostos e pensando em como aquele leque com brocados franceses, serviria para amenizar o calor do verão escaldante da cidade.

Digressões à parte, fica bastante claro que o anúncio se direciona a um público restrito, que se queria respirando ares parisienses. Como não é objetivo discutir o modismo francês, destacamos a assertiva que Maria Luiza Ugarte Pinheiro faz ao discutir sobre essa influência europeia, mais precisamente francesa, sendo bastante esclarecedora:

Rastrear os primórdios da presença e da influência francesas no Amazonas é tarefa difícil, mas é certo que em meados do século XIX e início do XX essa influência era forte demais para ser ignorada. Ela podia ser mensurada a partir do debate acerca da arquitetura urbana desejada para Manaus, na valorização de hábitos, valores e modismos que ganhavam com insistência espaços nos códigos de postura e nas páginas dos jornais, além de permear cotidianamente os discursos das autoridades.^{xviii}

Notadamente a “photographia” está incluída no rol de artigos vindos de Paris, logo, era símbolo de bom gosto e possuir um exemplar trazia distinção no meio social. Tanto que nesse período vê-se o aparecimento de vários ateliês fotográficos, logo, subentende-se que havia um público ávido por consumir esses produtos e utilizar os serviços oferecidos por estes profissionais.

Dias antes do anúncio acima descrito, o *Commercio do Amazonas*^{xix} já anunciava a chegada de novos fotógrafos à cidade. Estes profissionais em sua maioria itinerantes, assim chamados por que passavam de localidade em localidade vendendo seus produtos e serviços por tempo determinando. O anúncio que ocupava um espaço significativo na página 4 do jornal tinha por título “Retratos” e seguia detalhando o que era oferecido ao público:

Os photographos Verlangieri & Mayer, chegados a esta capital ultimamente no vapor *Javary* pertendem começar os seus trabalhos no domingo 23 do corrente mez. Portanto, convidam ao respeitável público a visitarem sua galeria onde encontraram uma bunita colleção de retratos de todos os tamanhos, gostos e sistemas até hoje conhecidos. Ao mesmo tempo communicão que sua estada nesta capital não será mais que noventa dias, visto que tem que seguir viagem para o Rio Madeira. Seu estabelecimento, á Rua Barroso, nº 5.^{xx}

Tanto Feliciano Verlangieri, quanto o seu sócio possuíam vasta experiência no ramo. O primeiro, quando chegou ao Amazonas já havia oferecido no ano de 1870 seus serviços na Província do Mato Grosso^{xxi}. Quatro anos depois, já em Cuiabá, anunciava a venda de mobílias que anteriormente compunham seu estabelecimento no local. Quando se associou a Meyer (que também já tinha uma prática no ramo), esteve no Pará e após sua passagem pelo Amazonas, voltou a oferecer seus serviços em Belém.^{xxii}

O estabelecimento apresentado no anúncio com sua “coleção de todos os tamanhos e gostos” demonstram a existência de um público consumidor de imagens. Lamentavelmente, não é possível identificar quem eram os retratados.

Para Solange Ferraz de Lima: “os retratos constituíram também no Brasil o gênero mais comercializado da fotografia no século XIX”.^{xxiii} Certamente, as madames locais desejavam ter suas salas de estar decoradas com retratos de personalidade importantes, emoldurados com materiais de primeira qualidade. Isso quando não era a própria senhora a retratada.

Apesar de não dizerem que confeccionam retratos, como pode se ler na transcrição, chamar o estabelecimento de “galeria”, permite supor que os fotógrafos tinham a sua disposição um aparato sofisticado para a confecção de retratos, tendo em vista a definição de *galeria* dada por Manoel Bastos Lira:

(...) uma oficina onde um jogo de confinamentos de pano branco, bem deslizantes no seu telhado de vidro e num o seus lados, igualmente envidraçados, permitia ao profissional o controle da luz para obter os efeitos que sua arte exigia^{xxiv}

Verlangieri e Meyer anunciaram seus serviços somente esta vez, não sendo localizados em outros dias na página de anúncios do jornal consultado. Como a chamada afirma, eles haviam programado a sua estada na cidade por apenas noventa dias. Pode-se conjecturar que talvez a partida deles tenha se dado antes

do previsto ou que a primeira chamada no jornal fora suficiente para atrair os possíveis clientes.

Deixando a página de anúncios, a atenção se volta agora para o noticiário. O diário vespertino *Commercio do Amazonas* faz um extenso agradecimento ao Diário do Gran-Pará pelo envio de um exemplar em homenagem ao centenário do poeta português Luis de Camões. A notícia além de ser um agradecimento, informa que é possível adquirir o material em alguns pontos de vendas:

Fomos obsequiados pelo nosso colega do Diário do Gran-Pará com um exemplar de sua edição de 10 do corrente, que contem a offerta d'aquelle jornal ao tri-centenário do grande épico portuguez Luiz de Camões, que consiste na photographia do poeta rodeado dos importantes escriptos relativos a sua vida. Agradecemos a oferta.^{xxv}

Pode-se inferir tratar-se de um modo de propaganda da folha paraense, um meio de se promover e adquirir prestígio entre seus pares. Retomando a análise da composição, não é possível precisar qual o sistema usado para fazer tal montagem. De acordo com a descrição dada pelo redator, é perceptível que se trata de um retrato onde os escritos do poeta compunham o cenário de fundo. Provavelmente, a litografia constitui o meio pelo qual seria possível chegar a tal resultado, mas só podemos conjecturar, pois as fontes não nos permitem qualquer tipo de afirmação mais precisa.

A litografia foi uma técnica inventada em 1789 por Alois Senefelder^{xxvi} que primeiramente consistia em utilizar a superfície plana de uma pedra, nela gravava-se desenhos ou caracteres e depois reproduzia-se essas informações no papel. Com o aperfeiçoamento da técnica, a pedra foi substituída por placas de zinco ou alumínio, melhorando a reprodução do que estava gravado.

Após o reconhecimento, o grande público é convidado a desfrutar de tal relíquia e outro agradecimento é feito, agora ao Diário do Maranhão, que recebe um elogio pela qualidade da publicação:

Acham-se a venda iguais photographias na casa comercial do Sr. Claudino Manuel Velloso, e na pharmacia do Sr. Joaquim Anselmo Roiz Ferreira a Rua Brasileira. Tambem recebemos do collega do Diario do Maranhão, igual oferta, em edicção nitidamente impressa. Agradecemos igualmente a oferta^{xxvii}.

Notadamente, a venda de artigos fotográficos não era exclusividade dos ateliês especializados, posto que as fotografias do poeta português estavam disponíveis tanto no comércio, quanto na farmácia da Rua Brasileira. Claramente, tanto o diário paraense, quanto o maranhense utilizaram o mesmo retrato, mas o Diário do Maranhão mereceu o destaque do jornal local por possuir uma melhor qualidade na impressão.

Diante do exposto, fica claro que os jornais procuram promover seus nomes para além da sua praça de circulação e possuir uma “*edición nitidamente impressa*” constitui um meio pelo qual é possível adquirir destaque entre seus pares e principalmente, atrair o público leitor, bem como o público que não dominava a leitura, devido ao uso de imagens em suas publicações.

A IMAGEM COMO PARTE DA NOTÍCIA: PRIMEIROS ENSAIOS

Dominar a técnica de impressão de imagens significa estar à frente do jornal concorrente, pois as imagens, para além da ilustração, conforme adverte Martine Joly, possui características marcantes que levam ao fascínio de quem a contempla:

Imitadora, para um, ela engana, para outro educa. Desvia da verdade ou, ao contrário, leva ao conhecimento. Para o primeiro, seduz as partes mais fracas de nossa alma, para o segundo, é eficaz pelo próprio prazer que se sente com isso.^{xxviii}

Assim sendo, os jornais que no princípio marcadamente eram textuais, começam a ensaiar o uso de ilustrações, o que possibilita tornar próximo o que antes era distante do leitor. Marialva Barbosa esclarece essa questão ao afirmar que “as descrições e a possibilidade de ver em imagens lugares longínquos e figuras exóticas mudam gradativamente a percepção de um outro, agora visível, e antes apenas imaginado”.^{xxix}

Trazer a atenção do público para as suas páginas foi e ainda é objetivo maior das publicações, sejam elas noticiosas ou de outras variedades. Mesmo que ainda não houvesse uma competição acirrada pelos leitores, as folhas locais esforçavam-se por produzir notícias que atraíssem a atenção do povo, para isso, começaram a ensaiar o uso de imagens produzidas por processos que antecedem o uso da fotografia, tais como: “desenhos a bico de pena^{xxx}”, que reproduzem ora o retrato do

personagem enfocado, ora as construções, embarcações ou outro tipo de objeto a que a nota se referia”^{xxx1}. Essa afirmação, apesar de não ser baseada no caso local, ilustra com precisão o periodismo de Manaus. Outras técnicas como a xilogravura e litografia também era bastante usuais.

Na edição especial de 27 de agosto de 1897, no número denominado “extraordinário” o *Commercio do Amazonas* traz estampada na sua primeira página a imagem de José Pereira Guimarães, o Barão de Manáos.

O nome do Barão vem impresso em letras clássicas, em tamanho bem maior que o restante do texto. O jornal tece extensa descrição sobre a vida da personagem do dia, afirmando que a atuação José Pereira Guimarães foi “o mais poderoso factor de desenvolvimento d’esta poderosa e próspera região”.^{xxxii} Na continuidade da notícia, lê-se os feitos e contribuições do Barão, que para o jornal, justifica ter o seu retrato estampado na primeira página, tornando pública a figura do homem cuja dedicação foi direcionada unicamente para o avanço da região.



Figura 2 *Commercio do Amazonas*, número extraordinário. Manaus, 15 de agosto de 1897.

A imagem de figuras públicas estampadas no jornal começa a despontar, e não é restrito a pessoas da sociedade local. No ano de 1898, na primeira página^{xxxiii} vê-se o desenho de quem é denominado pela folha como sendo “Emilio Zola”. O texto, logo abaixo da imagem informa: “Estampamos hoje o retrato do grande romancista francez Emilio Zola, que tanta agitação provocou em torno do seu nome na importante questão Dreyfus”.^{xxxiv} Era uma edição de domingo e a questão que se coloca é esse interesse em um acontecimento externo a cidade, que se dava a quilômetros de distância do Estado. Talvez, isso possa ser justificado devido ao desejo local de manter-se informado sobre o que acontecia no mundo, ao desejo de, mesmo distante, acompanhar o desenrolar dos acontecimentos.

O interesse é de tal proporção, que na edição do domingo seguinte, quem vem estampando a manchete de capa do jornal é o próprio Capitão Dreyfus.^{xxxv}

Estampamos hoje o retrato do degradedado da Ilha do Diabo, o infeliz official do Exercito Frances, que pelo mais odioso dos processos foi atirado ao desterro velipendiado e deshonrado. Zola, cujo retrato reproduzimos na nossa edição de domingo último, tomou ao seus ombros a reabilitação deste infeliz e o publico tem sido testemunha das peripécias interessantes que acompanharam essa luta, que arrastou ao banco dos réus, o primeiro romancista da actualidade.^{xxxvi}

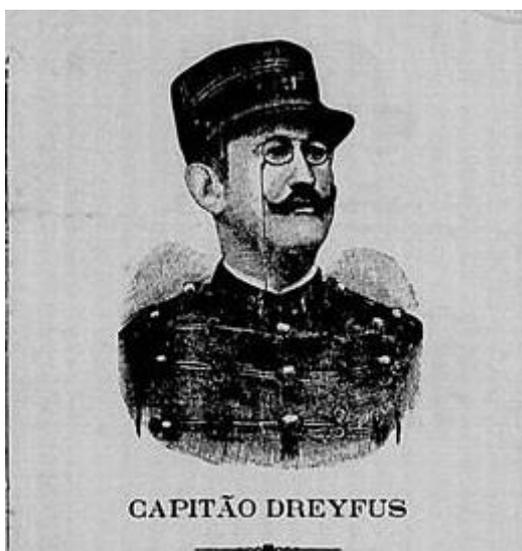


Figura 3 Commercio do Amazonas n° 218. Manaus, 26 de julho de 1898

O desenho que acompanha a nota como se pode ver, é bastante nítido e de qualidade superior ao estampado no ano anterior do Barão de Manáos. Além de ter uma sofisticação nos detalhes, bem como na distribuição dos tons de preto e cinza,

que são bem característicos das primeiras ilustrações encontradas nos jornais. As cores só começam a ser utilizadas a partir de 1914.^{xxxvii}

Além desse avanço na qualidade do desenho, o jornal externa que os leitores estavam interessados no desfecho do caso ao afirmar que “o público tem sido testemunha das peripécias” que permearam o caso.

Os dois exemplos descritos demonstram que as imagens ainda são “artesaniais”, ou seja, reproduções por processos anteriores a fotografia, como a litografia e desenhos feitos a “bico de pena”. Lamentavelmente, o jornal não divulga a origem do desenho, ou mesmo o nome do autor da ilustração.

Cabe um olhar atento, ao que ou quem é veiculado. Ainda analisando os dois exemplos propostos, percebemos que o uso de imagens é restrito para representar personalidades, políticos ou pessoas da classe mais abastada. Nos exemplos, um é claramente utilizado para a promoção de uma pessoa pública, no caso o Barão de Manáos, no segundo, um relato que trata de pessoas de outro país. Isso corrobora para as questões ligadas a necessidade que as pessoas locais tinham em se aproximar da Europa, seja por meio dos costumes e hábitos, seja por meio do acompanhamento dos acontecimentos, sentirem-se expectadores do que se passava fora do âmbito da cidade era anseio de alguns, principalmente dos que pertenciam as camadas mais abastadas.

Nos números consultados do jornal *Commercio do Amazonas* nota-se a partir do ano de 1898 a contumácia em pelo menos, uma das edições, utilizar essa fórmula: estampar a imagem de uma personalidade acompanhada de um texto que descreve os grandes feitos ou contribuições para o desenvolvimento, seja ele local, ou do país e/ou cidade de origem do homenageado. Essa estratégia, com raras exceções, era utilizada principalmente nos jornais que circulavam no domingo: “Estampamos hoje, em nossas columnas, o retrato do grande estadista americano MAC-KINLEY, actual presidente da república dos Estados Unidos da América do Norte. Esse grande home...”^{xxxviii}. O que se segue é um desfile de elogios a pessoa do presidente e suas contribuições para o Estado Americano, colocando em destaque sua figura de grande estadista, mas que sofria as críticas da oposição por suas medidas protecionistas. O jornal local critica a postura dos jornais americanos, que tornaram alvo de caricaturas, a figura do “grande estadista”.

Diante do exposto, nota-se que esses retratos passam a ser parte do relato, não sendo somente um elemento a mais na página do jornal: o retratado está

intimamente ligado ao relato que se faz, porém, ainda não se pode tratar isso como notícia. A imagem ainda ocupa a função meramente ilustrativa.

Para Juliana Maria de Siqueira^{xxxix} a imagem no jornal possui quatro funções: decorativa, ilustrativa, informativa e por fim, democratizante. A função decorativa pode ser observada nos primeiros anos da imprensa, principalmente na página de anúncios onde eram utilizados “fios” mais grossos, que formam curvas, as palavras são sombreadas, o apelo visual é claramente aumentado.

A função ilustrativa denota ao que já expomos sobre a prática de publicar o retrato seguido de uma pequena biografia sobre o retratado. Aliás, o que se vê nos jornais de Manaus no fim do século XIX até a primeira década do século seguinte é a permanência dessa prática de pelo menos em uma edição da semana fazer uso dessa fórmula. O texto é carregado de elogios, bastante adjetivado.

A função informativa ainda não é muito usual. O que se vê nos periódicos é que a ilustração ou imagem, bem como a notícia que informa e disponibiliza dados concretos ainda está por nascer. Quanto à função democratizante, esta irá tomar forma em períodos mais atuais e não constitui objetivo da discussão aqui proposta.

A função informativa só começa a existir a partir da possibilidade de por meios mecânicos reproduzir fotografias junto aos textos publicados, conforme adianta Marialva Barbosa:

A ilustração passa a integrar a própria notícia, com a publicação de fotografias que reproduzem o momento da tragédia. Nas matérias policiais publicam sempre o retrato do assassino e da vítima, sendo a foto invariavelmente da cena do crime. Mas não são apenas as notas policiais que merecem o destaque e a sensação de veracidade da fotografia: os grandes homens, os grandes feitos, o desenvolvimento e o progresso de nossos navios são reafirmados pela imagem fotográfica.^{xi}

A função ilustrativa perdura. E nem sempre o retratado era considerado “um grande homem”, e o uso de sua imagem na notícia servia para torná-lo alvo não da admiração, mas do deboche. Um caso concreto foi o que ocorreu com o senhor Guido de Souza: “Estampamos hoje o retrato do ex-chefe de Segurança do Estado, o cidadão que trouxe por muito tempo impressionado o espírito público desta terra. Estamos certos que a população de Manáos nos agradecerá esta surpresa”^{xli}.

Qual fora o pecado de Guido de Souza para merecer tal tratamento, depois da demissão do cargo público? Talvez a resposta mais coerente possa ser encontrada na “*Columna Echos do Dia*”.

Em destaque na coluna se lê: “Importante: a exoneração do Chefe de Segurança”. O texto informava da exoneração de Guido de Souza e da nomeação do substituto que é “íntegro e honesto magistrado desembargador”. Importa perceber a inexistência de maiores dados, que possibilitariam um maior entendimento do fato. A notícia segundo o redator:

Esta notícia propagada nos boletins pelo nosso jornal foi recebida com geral agrado pela população e ás pêssoas que paravam para ler o boletim affixado a nossa porta vimos espontaneamente brotar-lhes dos lábios significativa phrase: ‘Não temos mais iluminação apagada!’. Sem comentários.^{xiii}

Guido de Souza fora chefe de segurança do governador Fileto Pires Ferreira, que segundo Mário Ypiranga Monteiro,^{xliii} foi vítima de uma armação. Sua renúncia foi arquitetada pelo vice-governador, o coronel Ramalho Júnior, que inclusive, participou da falsificação da assinatura do governador, enquanto este estava fora do estado por questões de tratamento de saúde.

Tal situação era fruto de disputas políticas, tendo em vista que, na semana seguinte, mais uma vez é estampada a figura de Guido de Souza, que é chamado de “O empestado”. Enquanto que Fileto Pires, defendendo o seu secretário, afirma que na cidade após a saída de Guido de Souza passou a reinar o terror e a insegurança.

Já o jornal divulgava a notícia do não embarque de Guido de Souza, sendo a fonte do jornal “vozes do povo” que para este era a “voz de Deus”. O relato ocupa-se de menosprezar a pessoa do secretário, destilando de forma feroz toda hostilidade possível contra o agora, ex-secretário.

Mais uma vez nota-se a carência de dados, ficando registrada somente a percepção do redator sobre a pessoa de Guido de Souza, mas em nenhum momento o jornal se ocupa de narrar os acontecimentos que culminaram na demissão e posterior saída de Guido de Souza da cidade.



Figura 4 Commercio do Amazonas, nº 249. Manaus, 4 de agosto de 1898.

A saída do cargo ocupado por Guido de Souza, segundo o jornal, foi comemorada pela população e no relato percebe-se que a ficha corrida do secretário não era das mais exemplares:

O povo em massa compareceu ao seu bota fora com foguetes de assobios e pedras, descontando-se dos sofrimentos, do sangue derramado, dos assassinatos cometidos, das violações dos lares, dos defloramentos e ofensas ao pudor cometidos nessa fase triste da nossa soberania estadual. xlv

A comemoração se deu um dia antes da renúncia do agora, ex-governador do Estado Fileto Pires, que também foi alvo do jornal, sendo acusado, de forma análoga ao que ocorreu com Guido de Souza, de “agitador do espírito público”, e que por

isso o jornal, além de expor a figura de Fileto Pires, reafirmava seu papel, enquanto veículo de informação:

Jornal popular e moderno o Comercio do Amazonas, não se pôde furtar ao interesse que tem a população em conhecer os indivíduos que por qualquer principio, agitam o espírito público. E esse o movel que nos obriga a estampar no momento presente, em nossa columnas, o retrato do ex-governador do Amazonas...^{xlv}

Segundo consta no periódico, Fileto Pires não correspondeu às expectativas depositadas em sua pessoa, tendo inclusive, perdido o apoio do partido que o levou ao posto de comando do Estado. Mesmo criticando de forma hostil, a matéria elogia a inteligência do ex-governador, por ele ter renunciado ao cargo no momento oportuno. Percebemos aqui a contradição, enquanto o jornal afirma que a renúncia foi uma decisão pessoal de Fileto Pires, o historiador Mário Ypiranga afirma que ele foi vítima de uma armação dos seus próprios partidários, dentre ele Eduardo Ribeiro, um dos que apoiaram sua candidatura ao governo.

Mesmo diante dessa contradição, tanto o jornal que circulou no período, quando o historiador que escreve sobre os acontecimentos posteriormente, possuem opinião similar de que Fileto Pires era um “produto do seu tempo”, inexperiente, fraco e com pouco trato para lidar com os processos políticos e problemas da cidade.

Diante do acima exposto fica claro que mais do que narrar sobre os acontecimentos do cenário político, era necessário dar rostos a estes atores. Retornando aos acontecimentos pelos quais passou Guido de Souza, o depoimento que o jornal utiliza como exemplo da satisfação popular diante da exoneração, demonstra que o ex-secretário gozava de uma impopularidade entre os seus pares e moradores e que sua demissão, conforme se lê, era esperada pela população, que não mais andaria às escuras na cidade.

É preciso relativizar essas informações. Obviamente que Guido de Souza não era uma das figuras mais queridas pelo jornal. Fica claro a disputa no campo político. Vale ressaltar que o jornal *Commercio do Amazonas*, apesar de não expor seu partidarismo, está defendendo os opositores de Fileto Pires e Guido de Souza, talvez a isso se deva o tratamento hostil e virulento contra o ex-secretário.

Por fim percebe-se que as notícias começam a ganhar uma nova roupagem. Era necessário que o jornal começasse a deixar para trás seu feitio sisudo e

monótono, era preciso vislumbrar novas possibilidades de lucro e distinção no seu meio de atuação. Era chegado o tempo em que a informação se daria pela imagem.^{xlvi}

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No limiar do novo século, vê-se uma disputa pela notícia, segundo Marialva Barbosa “(...) os jornais diários mais populares utilizam as ilustrações como representação privilegiada da vida urbana. Nestas páginas, observa-se uma espécie de redefinição do olhar que passa a existir no início do século XX”.^{xlvii}

Percebe-se pela leitura do jornal que a fotografia ainda é apenas item de venda de produtos e serviços nos anúncios. Percebe-se também uma importante mudança na direção de modificações na construção das notícias, que começa a ocorrer paulatinamente.

É manifesto que o uso dos desenhos elaborados por técnicas que antecedem a fotografias, ainda se restringe às grandes personalidades. Homens que são tomados como sendo “vultos”, para o qual a cidade ou até mesmo a humanidade (como ocorre no caso de Émile Zola), é devedora de seu trabalho, por ter se beneficiado dele.

A utilização dos retratos também era um meio para tornar pública a face de figuras que, certamente, o *grosso* da população desconhecia. Nesse caso, tratavam-se de desafetos políticos concorrentes, como exemplo, há o incidente de Guido de Souza e o seu não embarque para fora do território do Amazonas, o que causou no primeiro momento festa entre a população, mas depois conforme se lê no jornal, causou a revolta, tendo em vista que Guido não embarcou no navio, como estava programado. Reafirmamos que trata-se da visão do mencionado jornal sobre os fatos, podendo os acontecimentos terem se dado de outra maneira.

Segundo o catálogo^{xlviii} coube ao *Commercio do Amazonas* o uso das primeiras ilustrações feitas a partir de processos xilográficos. Um dos colaboradores, conhecido como Necphoro, que também produzia ilustrações para outras folhas. Impressiona a ausência de qualquer indicação no jornal à figura desse profissional. Buscaram-se informações e até mesmo a simples menção a Necphoro nos números do *Commercio do Amazonas* que circularam a partir de 1880 até o fim do século XIX e simplesmente não se identificou qualquer alusão a sua pessoa.

A figura masculina é privilegiada nessas publicações. No ano de 1898, o *Commercio do Amazonas* publicou 13 retratos. Destes apenas dois eram de figuras femininas, o primeiro era da “Rainha Regente de Hespanha: A gravura que proporcionamos aos nossos leitores é cópia fiel dum recente retrato da viúva de Affonso XII, a actual rainha regente desse povo heroico”^{xlix}. A Rainha Regente recebia elogios por sua postura firme na defesa do território que nas “Antilhas provoca a cubiça do grande leopardo americano”.

A segunda imagem feminina estampada é a de Nossa Senhora da Conceição. Mas isto já era esperado, tendo em vista que esta edição circulou no dia em que se comemora o dia desta santa,¹ que nos dias atuais é a padroeira da cidade de Manaus.

Diante do exposto, é inteligível que os jornais somente faziam usos das ilustrações para elogiar os aliados e depreciar os desafetos. As mulheres aparecem nesse final de século muito raramente e quando tem sua figura exposta é porque são possuidoras de riqueza e poder, no caso da Rainha da Espanha, era a titular de uma grande potência nesse período, no caso da santa, era alguém que estava no céu, distante de qualquer mácula ou defeito, e, portanto, digna de homenagem, além de acreditar-se ser possível alcançar milagres por meio dela.

Os homens e as mulheres comuns, trabalhadores do cotidiano assim como, os acontecimentos que se davam no calor das ruas ainda não recebem ilustrações no jornal. Somente com a introdução da fototipia, meio pelo qual será possível reproduzir fotografia é que a construção da notícia sofrerá um impacto antes nunca visto. Quando esta possibilidade for real, os fatos da rua tomarão forma e serão reproduzidos no calor do acontecimento. Crimes, vítimas e criminosos começarão a ganhar as primeiras páginas. Valendo-se dessa capacidade, novos rostos tomarão forma e novas imagens da cidade se formarão.

FONTES

Almanack do Amazonas para o ano de 1896;

Commercio do Amazonas, edição nº 131 de 29 de maio de 1880;

Commercio do Amazonas, edição nº 132 de 1º de junho de 1880;

Commercio do Amazonas, edição nº 145 de 29 de junho de 1880;

Commercio do Amazonas, *Número Extraordinário* de 15 de agosto de 1897;

Commercio do Amazonas, edição n° 213 de 19 de junho de 1898;
Commercio do Amazonas, edição n° 218 de 26 de junho de 1898;
Commercio do Amazonas, edição n° 223 de 03 de julho de 1898;
Commercio do Amazonas, edição n° 246 de 31 de julho de 1898;
Commercio do Amazonas, edição n° 247 de 02 de agosto de 1898;
Commercio do Amazonas, edição n° 249 de 04 de agosto de 1898;
Commercio do Amazonas, edição n° 229 de 10 de julho de 1898;
Commercio do Amazonas, edição n° 344 de 08 de dezembro de 1898.
Quo Vadis?, edição n° 02 de 20 de novembro de 1902.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Cláudia Pinheiro. *Fotógrafos e estúdios fotográficos no Amazonas (1850-1910)*. Relatório Final do Programa Institucional de Iniciação Científica. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2009.
- BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica: História da Imprensa Brasileira*. Editora Ática: São Paulo, 1990.
- BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa – Brasil: 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- CALIRI, Jordana Coutinho. *Folhas da Província: A Imprensa Amazonense durante o Período Imperial (1851-1889)*. Dissertação (Mestrado em História). Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2014.
- DAOU, Ana Maria. *A Belle Époque Amazônica*. Rio de Janeiro: Zaar, 2004.
- DIAS, Edinea Mascarenhas. *A ilusão do Fausto: Manaus 1890-1920*. Manaus: Valer, 1999.
- FABRIS, Annateresa (orgs.). *Fotografia: usos e funções no século XIX*, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- FREIRE, José Ribamar Bessa (Coord). *Cem Anos de Imprensa no Amazonas (1851-1950)*. Catálogo de Jornais. Manaus: Editora Calderaro, 1990.
- FREUND, Gisèle. *La fotografia como documento social*. Barcelona: Gustavo Gili, 2008,
- Instituto Moreira Salles. Glossário de Técnicas e Processos Gráficos e Fotográficos do Século XIX. Disponível em: <http://www.ims.com.br>

- JOLY, Martine. *Introdução á análise da imagem*. Tradução: Marina Appen Zeller – Campinas, SP: Papirus, 1996.
- KOSSOY, Boris. *Dicionário histórico-fotográfico brasileiro: fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910)*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- LIMA, Solange Ferraz de. “O circuito social da fotografia: Estudo de Caso – II”, in FABRIS, Annateresa (orgs.). *Fotografia: usos e funções no século XIX*, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- LIRA, Manoel Bastos. *Subsídios pró-história: “A fotografia em Manaus”*. Revista do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. Fase III – Julho – Agosto – Setembro – Ano I – nº 3. Manaus: 2002. pp.151 – 157.
- MACHADO, Arlindo. *A Ilusão Especular: Introdução à Fotografia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- MEDINA, Cremilda. *Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial*. 2. ed. – São Paulo: Summus, 1988.
- MESQUITA, Otoni. *Manaus: História e Arquitetura (1852-1910)*. Manaus: Valer, 2006.
- MONTEIRO, Mário Ypiranga. *A renúncia do dr, Fileto Pires Ferreira*. Manaus: Edições do Governo do Estado, 2001. (fac-similado)- Coleção Documentos da Amazônia, nº 39.
- MONTEIRO, Mário Ypiranga. *Notas sobre a Imprensa Oficial do Estado do Amazonas* (fac-similado). Manaus: Edições do Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2001.
- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. “O espelho francês na ‘Paris das Selvas’”, in VIDAL, Laurent e LUCA, Tania Maria de. (Orgs.), *Franceses no Brasil: Séculos XIX – XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, pp. 271-288.
- SIQUEIRA, Juliana Maria de Siqueira. “Além das formas, além das palavras”. In CASTRO, Maria Céres Pimenta Spínola e et al. *Folhas do Tempo: imprensa e cotidiano em Belo Horizonte 1895-1926*. Belo Horizonte: UFMG; Associação Mineira de Imprensa; Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 1997.
- ZOLA, Émile, BARBOSA, Rui e LÍSIAS, Ricardo (Org. e tradução). *Eu acuso! O processo do Capitão Dreyfus*. São Paulo: Hedra, 2007.

NOTAS

ⁱ Possui graduação em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Amazonas (2013). Tem experiência na área de História, com ênfase em História regional. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas - PPGH/UFAM.

ⁱⁱ FREIRE, José Ribamar Bessa et al. (orgs.). *Cem anos de imprensa no Amazonas (1851-1950)*. 2ª edição. Manaus: Editora Umberto Calderaro, 1990. Sobre a imprensa que se praticava no Período Provincial ver: CALIRI, Jordana Coutinho. *Folhas da Província: A Imprensa Amazonense durante o Período Imperial (1851-1889)*. Dissertação (Mestrado em História). Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2014.

ⁱⁱⁱ Desenho feito a partir de uma matriz de madeira. Os desenhos são feitos em baixo relevo, nos sulcos ficam depositadas as tintas que ao serem pressionadas no papel formam o desenho. Cf. Instituto Moreira Salles. Glossário de Técnicas e Processos Gráficos e Fotográficos do Século XIX. Disponível em: <http://www.ims.com.br>

^{iv} MONTEIRO, Mário Ypiranga. *Notas sobre a Imprensa Oficial do Estado do Amazonas* (fac-similado). Manaus: Edições do Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2001.

^v *Idem*, p. 7.

^{vi} *Idem*, p. 11. Grifo meu.

^{vii} MACHADO, Arlindo. *A Ilusão Especular: Introdução à Fotografia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984, p. 5.

^{viii} Cf. BESSA e *et al*: foi um diário matutino que circulou no período de 1902 a 1904. Composto de quatro páginas teve uma circulação continuada, ficou somente um mês sem circular nos seus dois anos de publicação.

^{ix} Cf. o Glossário do Instituto Moreira Salles, o *crayon* foi o termo utilizado para designar um material composto por pigmento, argila e crê, produzido em pequenas barras, para desenhar. É utilizado como o carvão e, nos dois casos, o resultado são traços mais negros e aveludados que os da grafite. Disponível em <http://www.ims.com.br/ims/explore/acervo/noticias/glossario-de-tecnicas-e-processos-graficos-e-fotograficos-do-seculo-xix>, acesso em 05/12/2013.

^x LIRA, Manoel Bastos. *Subsídios pró-história: "A fotografia em Manaus"*. Revista do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. Fase III – Julho – Agosto – Setembro – Ano I – nº 3. Manaus: 2002. pp.151 – 157.

^{xi} *Idem*, p. 151.

^{xii} AZEVEDO, Cláudia Pinheiro. *Fotógrafos e estúdios fotográficos no Amazonas (1850-1910)*. Relatório Final do Programa Institucional de Iniciação Científica. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2009.

^{xiii} Profissional gráfico responsável pela confecção de clichês.

^{xiv} KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p. 112.

^{xv} A literatura sobre o período acabou por convencionar ser este o período de maior efervescência na cidade, principalmente por conta da riqueza que advinha da exploração da borracha. A circulação de recursos fez com que a cidade florescesse tanto econômica, social e culturalmente. Cf. MESQUISTA, Otoni. *Manaus: História e Arquitetura (1852-1910)*. Manaus: Valer, 2006. DAOU, Ana Maria. *A Belle Époque Amazônica*. Rio de Janeiro: Zaar, 2004. DIAS, Edinea Mascarenhas. *A ilusão do Fausto: Manaus 1890-1920*. Manaus: Valer, 1999.

^{xvi} BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa – Brasil: 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 21.

^{xvii} *Commercio do Amazonas*. 1º de junho de 1880, p. 4.

^{xviii} PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. "O espelho francês na 'Paris das Selvas'", in VIDAL, Laurent e LUCA, Tania Maria de. (Orgs.), *Franceses no Brasil: Séculos XIX – XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, pp. 271-288.

^{xi} Este jornal começou a ser circular no ano de 1869 e parou em 1904. Era um diário vespertino, cuja publicação era irregular e por diversas vezes foi interrompida, cf. FREIRE, José Ribamar Bessa (Coord). *Cem Anos de Imprensa no Amazonas (1851-1950)*. Catálogo de Jornais. Manaus: Editora Calderaro, 1990, p. 63.

^{xx} *Commercio do Amazonas*. 29 de maio de 1880, p. 4.

^{xxi} KOSSOY, Boris. *Dicionário histórico-fotográfico brasileiro: fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910)*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002, p. 316.

^{xxii} *Idem*, p. 317.

^{xxiii} LIMA, Solange Ferraz de. “O circuito social da fotografia: Estudo de Caso – II”, in FABRIS, Annateresa (orgs.). *Fotografia: usos e funções no século XIX*, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, p. 61.

^{xxiv} LIRA, Manoel Bastos. *Subsídios pró-história: “A fotografia em Manaus”*. Revista do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. Fase III – Julho – Agosto – Setembro – Ano I – nº 3. Manaus: 2002, p.151.

^{xxv} *Commercio do Amazonas*. 29 de junho de 1880, p. 1.

^{xxvi} FREUND, Gisèle. *La fotografia como documento social*. Barcelona: Gustavo Gili, 2008, p. 8.

^{xxvii} *Commercio do Amazonas*. 29 de junho de 1880, p.1.

^{xxviii} JOLY, Martine. *Introdução á análise da imagem*. Tradução: Marina Appen Zeller – Campinas, SP: Papyrus, 1996, p. 19.

^{xxix} BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa – Brasil: 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 23.

^{xxx} Cf. *Glossário* do Instituto Moreira Salles: Bico de pena é a técnica que utiliza penas de aves, cortadas em chanfro para desenhar e escrever, posteriormente houve a substituição por pontas metálicas, o que possibilitou um traço mais delicado. Disponível em <http://www.ims.com.br/ims/explore/acervo/noticias/glossario-de-tecnicas-e-processos-graficos-e-fotograficos-do-seculo-xix>, acesso em 05/12/2013.

^{xxxi} BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa – Brasil: 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 28.

^{xxxii} *Commercio do Amazonas*. 15 de agosto de 1897, p. 1.

^{xxxiii} Geralmente, as personalidades, cujos desenhos e retratos são utilizados, aparecem sempre na primeira página do jornal.

^{xxxiv} *Commercio do Amazonas*. 19 de junho de 1898, p. 1.

^{xxxv} Oficial de artilharia do exército francês acusado de traição no ano de 1894. Foi condenado, mas provou-se a inocência. O processo de julgamento foi baseado em fraude. É considerado um dos maiores erros judiciais pelos especialistas. Para maior entendimento ver: ZOLA, Émile, BARBOSA, Rui e LÍSIAS, Ricardo (Org. e tradução). *Eu acuso! O processo do Capitão Dreyfus*. São Paulo: Hedra, 2007.

^{xxxvi} *Commercio do Amazonas*. 26 de junho de 1898, p.1.

^{xxxvii} Segundo Juarez Bahia o primeiro anúncio a cores foi publicado em 1914 pelo Jornal do Brasil. No ano seguinte, o jornal o Estado de São Paulo publica em sua primeira página uma imagem em cores. Ver BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica: História da Imprensa Brasileira*. Editora Ática: São Paulo, 1990, p. 166.

^{xxxviii} *Commercio do Amazonas*. 3 de julho de 1893, p. 1.

^{xxxix} SIQUEIRA, Juliana Maria de Siqueira. “Além das formas, além das palavras”. In Castro, Maria Cêres Pimenta Spínola e *et al.* **Folhas do Tempo: imprensa e cotidiano em Belo Horizonte 1895-1926**. Belo Horizonte: UFMG; Associação Mineira de Imprensa; Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 1997.

- ^{xi} BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa – Brasil: 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 43.
- ^{xii} *Commercio do Amazonas*, 31 de julho de 1898, p. 1.
- ^{xiii} *Commercio do Amazonas*, 31 de julho de 1898, p.1.
- ^{xiiii} MONTEIRO, Mário Ypiranga. *A renúncia do dr, Fileto Pires Ferreira*. Manaus: Edições do Governo do Estado, 2001. (fac-similado)- Coleção Documentos da Amazônia, n° 39.
- ^{xlv} MONTEIRO, Mário Ypiranga. *A renúncia do dr, Fileto Pires Ferreira*. Manaus: Edições do Governo do Estado, 2001. (fac-similado)- Coleção Documentos da Amazônia, n° 39, p. 13.
- ^{xlv} *Commercio do Amazonas*, 02 de agosto de 1898, p.1.
- ^{xlvi} MEDINA, Cremilda. *Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial*. 2. ed. – São Paulo: Summus, 1988, p. 67.
- ^{xlvii} BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa – Brasil: 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 31.
- ^{xlviii} FREIRE, José Ribamar Bessa (Coord). *Cem Anos de Imprensa no Amazonas (1851-1950)*. Catálogo de Jornais. Manaus: Editora Calderaro, 1990, p. 63.
- ^{xliv} *Commercio do Amazonas*. 10 de julho de 1898, p. 1.
- ^l *Commercio do Amazonas*. 8 de dezembro de 1898, p. 1.